

PRÓXIMO
NÚMERO

SOMNIUM



UMA EDIÇÃO
SEM ATRASOS!

EXPEDIENTE

Editor Geral: Matias Perazoli
Diagramação: Emerson Magalhães
Distribuição: Humberto Fimiani

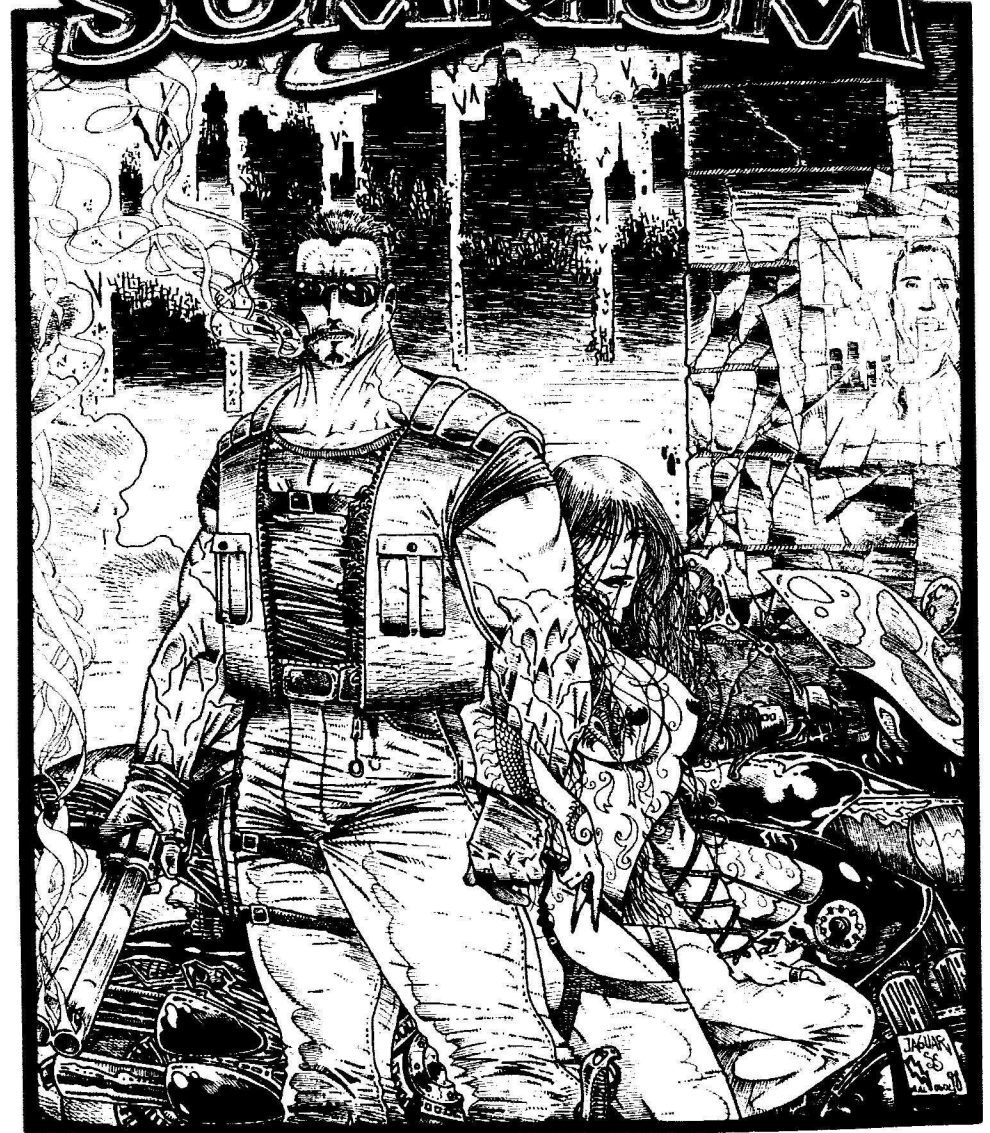
Somnium é a publicação oficial do Clube de Ficção Científica - CLFC. Todos aqueles que acham que podem contribuir com algum material para o *Somnium* ou com sugestões/críticas sobre o mesmo, tomem a liberdade de contatar por e-mail ou por carta o editor geral. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. O *Somnium* está aberto à recepção de contos de autores novos e veteranos, amadores e profissionais, humanos e alienígenas, que serão apreciados com vistas à publicação. O fato de publicar contos e noveletas no *Somnium* não é obstáculo algum para que estes mesmos contos e noveletas apareçam meses mais tarde nas páginas das revistas profissionais. Solicitamos também aos leitores do *Somnium* que comentem os contos publicados na edição anterior do fanzine. Data desta edição: 11/2003.

Correspondência:
CLFC - Clube de Leitores
de Ficção Científica
Caixa Postal 2105
CEP 01060-970
São Paulo-SP
E-mail:
somnium@uol.com.br
Home:
<http://www.clfc.org3.net>

PUBLICAÇÃO OFICIAL DO **No**
Clube de Leitores
de Ficção Científica

87

SOMNIUM



O crepúsculo de Belfast

M.R.R. OLIVIERI
autoramrr@uol.com.br

Bloco de notas, folha três, Belfast, 17:50h

Durante todo o verão fiz anotações precisas da temperatura, umidade, PH, vacinas, germinação, nitrato de amônia e fertilizantes.

Transcrevi minuciosamente quase todos os dados da colônia, em uma operação arriscada, para meu arquivo pessoal em Dublin. Talvez por sorte ou destino, ainda não sei bem, ninguém de dentro da colônia desconfiou de minhas atividades. Dediquei os últimos três anos ao projeto e minha determinação e disciplina impressionaram a todos, o quê conferia maior distinção as minhas credenciais.

Durante três anos intermináveis assumi uma identidade falsa com um intransigente comportamento materialista e dotado de convicções semitas de direita. Esta personificação contribuiu em parte para a manifestação de uma fadiga crônica que me atingiu no último mês.

Alegando problemas pessoais e sob licença médica autorizada pelo próprio médico da colônia, embarquei no primeiro trem na Estação de Belfast para Dublin. O trajeto não demoraria mais do quê duas horas. Reencostei a poltrona e contemplei demoradamente o último crepúsculo de Belfast. E se conseguir sobreviver a esta provação pessoal, esta contemplação me será válida... porquê enterrarei meu personagem e as lembranças daquela aterradora colônia.

Primeiro dia, Dublin, 14:45h Os novos dias

O tempo úmido e a tinta fresca que utilizei pela manhã me deram um novo ânimo para reconstruir em parte a minha imagem. Me sentia um novo homem: raspei a barba, o bigode, tirei os óculos de aros grossos e tingi o ignóbil cabelo ruivo, que era por assim dizer o ponto alto de meu disfarce. Recompuesto com os meus cabelos pretos, lisos, cuidadosamente penteados, remoçado na aparência e na alma, sentia-me bem disposto e um tanto atraente.

Sempre fui um homem bonito, acostumado a despertar a atenção das mulheres e até de homens. Mesmo na colônia sob disfarce, fui assediado por oito ou nove mulheres, o quê muito me lisonjeou. Decidi não me envolver, evitando mais um ato consciente de baixaza e falsidade, há certas circunstâncias que não posso fingir, não sou capaz de..., não quero! Não quero falar sobre isso!

Entre um cigarro e outro, para ter certeza, verificava todos os itens de minha valise, estava tudo lá: três mil disquetes, blocos de anotações cifrados, amostras e o passado recente. Tudo sobre a colônia e meu personagem dentro de uma valise de mão, dá para imaginar?

Só partiria dali de madrugada. Me restavam dez horas entre o passado e os novos dias. Chorei. A vida nos traí a cada momento e noto a infelicidade que está em cada canto deste quarto. Espero.guardo pelo destino. Em minha alma choro a dor do mundo, a dor que não é só minha! Angario forças, mas é inútil. Dentro do peito sobra o coração partido e em cada batida uma lágrima que encontra a eternidade

Segundo dia, 3:27h - A partida

A ansiedade que angustiava-me tomou fim assim que embarquei no trem para Amsterdã. As quatro horas da manhã, horário previsto da partida, tranqüillizei-me. Sentia-me verdadeiramente liberto da nefasta ideologia de meu personagem. Em quase nada simpatizei nestes últimos três anos com as correntes científicas da colônia, exceto talvez pelo impecável nível tecnológico empregado e pela competência da equipe de laboratório.

Reencostei suavemente na poltrona, acionei a alavanca de descanso, inspirei profundamente observando aquela que seria nos próximos três dias a minha pequena moradia.

A cabine de primeira classe ostentava uma cama king-size com lençóis em tom bege e arrumada em forma de leque, tornando o ambiente bem confortável. Toalhas, ducha, TV com a programação local e a bíblia. Aparelhos convencionais para turistas convencionais. Tinha direito as refeições servidas no quarto e esta era a melhor parte, porque evidentemente pretendia viver distante e isolado dos outros passageiros, principalmente de curiosos turistas.

Eu não queria de forma alguma despertar atenção. Não iria sair dando voltas pelo trem com minha inestimada valise de mão; além de ridículo, precisava continuar anônimo preservando simultaneamente minha vida e minha discrição.

Em meus planos era necessário permanecer anônimo de nome e de alma. As poucas palavras que trocava seria essencialmente com a arrumadeira e o garçom, nada mais. Três dias de silêncio com o mundo e depois intermináveis discussões sobre a descoberta.

Neste momento só queria poder falar com.... Não. Melhor não. Ligações mesmo de telefones móveis podem ser rastreadas. Inspirei profundamente, me distraí notando a claridade que surgia pela janela. Larguei-me sob a cama imensa e permaneci inerte, estava exausto.

Budapeste, 16:48h

Dormi quase todo o dia. Após o almoço decidi revisar algumas notas. Aos poucos, sentia-me liberto daquela cegueira existencial dos últimos três anos. Este fato insólito provocou-me uma tal ausência de lucidez ... que ali, na clausura de meus aposentos, comecei a ter uma breve visão de meus atos anteriores.

Como eu pudera permanecer o tempo todo tão cínico, intransigente, cético e obcecado pela tal descoberta? Tentei sempre ser correto em minha vida, mas há situações que não há o bom senso e a moral fica em muito, diluída em tonéis de ganância e poder.

A onipotência destrói uma alma. A minha alma foi corrompida pela sabedoria. Sou o único a deter um conhecimento que ultrapassa por vezes a compreensão humana. Tal poder, confesso, ainda provoca-me uma euforia esmagadora em minhas entranhas.

Não, não sou um guardião, um bom moço, nem um mártir, nem nada. Sinto-me tão inexplicavelmente insatisfeito. Qualquer homem ou não da ciência, daria a vida por um décimo de meu conhecimento.

Mas eu? Parei há muito tempo de sentir-me um ser privilegiado. Todo este conhecimento começou a pesar demais e anular a individualidade de meu ser.

Antes eu fosse um homem comum, leigo, empobrecido de inteligência e ambição. Estaria casado, criando filhos e mágoas. Não que eu esteja necessariamente arrependido. Por certo, não estou. Mas o fato de poder e até querer mudar o destino da humanidade, deixou a minha paz obsoleta.

Pela janela contemplo ao sul, as colinas de Roterdã. Meu destino, não cabe mais em minhas mãos. Recordo-me da prioridade de libertar o mundo de toda a mediocridade. Sinto-me aliviado em poder ser eu o gerador de novos povos e novos mundos. Este destino por vezes me deixou entristecido. Sou um homem muito à frente de meu tempo. Porque tornar-me eu o grande inventor da única, verdadeira e pura raça humana.

Amsterdã, 17:00h Término da viagem

Desembarquei na plataforma B e apressei-me em busca de um táxi para a hospedaria Vladville. Paguei adiantado a hospedagem de dois dias e registrei-me como Omar Cohen, jornalista belga morto na II Guerra.

No início, pareceu-me um tanto grosseiro utilizar o nome de alguém, que por assim dizer, fazia parte do catálogo no arquivo de genomas que carregava em minha valise de mão.

Porém, raciocinando bem, tínhamos em comum o gosto pela ciência e o aprendizado de línguas mortas como o aramaico e o latim. Dois homens separados por décadas e unidos por habilidades comuns.

Claro que o pobre Omar, jamais suspeitou em sua curta existência que seus genes e memória pudessem um dia ser armazenados e estivessem ali comigo em meu disquete.

Descansei durante toda a tarde. Após o jantar, dirigi-me para um cybercafé a três quarteirões da hospedaria.

Acessei o www, o chat e a lista de discussões na seção de assuntos religiosos. Tecliei: Mateus: "Dar-te-ei as chaves do céu: o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus"....

Algum tempo depois, alguém entra na sala:

Lucas: "E o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus" (Mateus 16: 19)

Mateus: Já possuo a inscrição de três mil fiéis. Espero ansioso o culto de Sábado.

Lucas: Nossa congregação aguarda ansiosa sua chegada!

Mateus: Que todos estejam apostos porque o dia do julgamento está próximo.

Lucas: Estamos preparados para nossa missão.

Mateus: Permaneçam em silêncio até minha chegada. Até breve!

Lucas: Nosso silêncio é sagrado. Até breve!

Base do Pacífico Sul 23:47 h Início da metagênese

Concluí todas as transferências de dados com sucesso. Este passo foi decisivo para a codificação do genoma e assim, conseguimos finalmente isolar o núcleo do gene batizado por mim de Gene E.V.A: Essence Vital Achievement. O qual seria a partir de agora, o gene criador e restaurador de nossa tão estimada e extinta raça humana, através do Projeto Metagênese.

Obviamente pessoas leigas e não ligadas ao projeto, ostentariam sua ignorância e tentariam a todo o custo abortar nossa missão. Se todos pudessem estar ao par de nossas verdadeiras intenções, tenho certeza que encontraríamos até mesmo voluntários para a implantação dos novos embriões.

Nos últimos três meses desde que cheguei a esta base e como sou o coordenador deste projeto, tomei a liberdade de reiterar em minhas anotações pessoais, as explicações das causas e consequências de nossos procedimentos.

Estamos convencidos que o declínio de nossa raça começou com a descoberta da eletricidade por Franklin, e consumou sua desgraça com o manuseio dela com as primeiras invenções de Edson. A partir daí, o domínio total da eletricidade pelo homem, passou a gerar uma corrente irreversível de mutismo e paralelismo genético.

A nossa "verdadeira" raça humana foi extinta, o quê explica a falta de nascimento de novos gênios como Michelangelo, Da Vinci, Shakespeare ou Beethoven. A eletricidade contida no macrocosmos tornou-se ressonante e infringiu duras penas ao homem moderno, extinguindo do seu código genético algumas células primitivas.

Todas as pessoas nascidas antes de 1901, conservaram em seu genoma o Gene E.V.A., que é o propulsor da verdadeira raça humana, porém de forma estéril, já que não foi passado para as novas gerações devido a falta destas células originais e primitivas.

Durante a II Guerra, as experiências genéticas conduzidas pelos nazistas esbarraram no Gene E.V.A. sem dar-se conta disto. Por certo, a Grande Guerra transformou-se no grande paradigma, porque proporcionou ao mesmo tempo a destruição e o resgate desta mesma raça humana, visto que a deflagração da Grande Bomba ocasionou uma nova, intensa e fatal resposta eletromagnética. Todo o fluído primitivo da célula E.V.A. foi extinto e a partir de então nenhum ser humano nasceu com o mesmo código genético original do tronco E.V.A..

Nós não somos realmente descendentes genéticos de nossos antepassados, tornamo-nos seres híbridos com tendências cada vez mais maléficas e egoístas.

Eu acredito firmemente que somos filhos do Caos, por isso vivemos sem paz e sem harmonia, porque nenhum ser vivente pode alçar a felicidade sem ter em si próprio, a sua essência.

Nós não possuímos mais nossa essência, somos híbridos. E a única consolação que me resta, assim como para todos nesta base que tomam parte deste audacioso projeto, é gerar novos seres humanos com a essência do Gene E.V.A., para gradativamente repopular a Terra.

Serão eles, seres filhos da verdade, possuidores de um grau mais elevado de evolução e moralidade. A Terra será um dia somente deles, porque retomaram a posse deste planeta e deverão eliminar todos os seres híbridos como nós.

Quem quer que duvide desta verdade, será uma questão de tempo, porque nossa incubadora está no limite máximo de dez mil fetos. Faltam três semanas para o primeiro nascimento e E.V.A. I será mandada para seus pais adotivos em Amsterdã, um jovem e nobre casal de diplomatas que em março próximo serão os representantes legais de nosso projeto junto às Nações Unidas.



SOBRE A AUTORA...

MRR Olivieri

M.R.R.Olivieri, sócia CLFC nº 484, é uma jovem escritora paulistana, autora de contos de FC e Literatura Fantástica.

Foi revelação 2002 da Escola de Escritores (que é uma ONG de Oficina Literária, comandada por Gabriel Perisse).

Tem dois textos que podem ser lidos no site www.revistaalmanaque.jor.br.

Atualmente trabalha em seu primeiro livro composto por personagens surpreendentes que enfatizam um universo fantástico e atemporal.

Pode ser contatada pelo e-mail: autoramrr@uol.com.br



Arte: Paulo Marcos G. Bubolz

AS COISAS QUE NUNCA ACONTECEM

Miguel Carqueija
miguelcarqueija@bol.com.br

- Querido, dizia a loura seminua, de uns vinte e poucos anos a visão da galáxia é realmente espetacular...

- Eu não lhe disse? falou o Rego. Aqui tudo é espetacular, minha querida. A começar por mim, é claro.

Ela sorriu e, aproximando-se dele, beijou-o lascivamente na boca. Estavam estendidos num colchonete à beira da piscina, e Rego pusera a funcionar um planetário na cúpula do satélite, para distrair a amante.

- Eu fico imaginando... prosseguiu a Rosina quanto custa a manutenção de uma ilha espacial como essa?

- A bagatela de quinhentos mil créditos por dia, meu bem. Mas não se preocupe: afinal eu sou o homem mais rico do mundo.

Ele tinha bigode grisalho, testa enrugada, era meio careca, mas as garotas enxameavam à sua volta. O dinheiro é poderoso!

Contudo, Rosina era daquelas que *pensam*:

- Aqui é fabuloso, fantástico... mas não é perigoso? Por exemplo, se um meteoro atravessar a cúpula de *magiplast*, não provocará a descompressão e matará a todos nós?

- Ora, ora, minha flor. Essa possibilidade já foi calculada como sendo de uma vez em cada bilhão de anos...

- Não pode ser! Tem certeza disso, amorzinho?

Ele tomou uma dose de conhaque:

- É claro! São raríssimos os meteoros suficientemente grandes para inutilizar uma cúpula de *magiplast*. Precisaria um do tamanho de uma casa...

- Do tamanho de uma casa? Como aquele ali?

- O quê?

A cúpula, a uns quinhentos metros de altura, rachou-se e rompeu-se subitamente, enquanto um imenso pedregulho cósmico a atravessava. E antes mesmo que a despressurização fosse total, despencou sobre o casal que, abraçado em pânico, despediu-se da vida com gritos horripilantes...



SOBRE O AUTOR...

Miguel Carqueija

Carioca, de 1948, começou a publicar ficção científica em pequenos jornais como o *Jornal de Vila Isabel*, no Rio, por volta de 1982, entrou para o fandom pelo extinto *Clube Antares* em 1983 e ingressou no CLFC em 1987. Especializou-se em contos e pequenas novelas, e também em mini-contos, variando entre aventuras (geralmente com heroínas), histórias humorísticas e satíricas, e histórias de terror.

Livros publicados: *Rocio* (poesias), 1991; *A volta dos dinossauros e A caixa lunar* (92 e 94), contos (estes três pela Editora Protótipo, do Rio de Janeiro); *A âncora dos Argonautas* (99) e *A Esfinge Negra* (2001), pela Coleção Fantástica; *A Rainha Secreta* (contos) pela Terra Incógnita; além de umas duas dezenas de participações em antologias.

Antologias: *Verde...verde...* (edição dos autores, membros do CLFC, 1988, e 2ª. edição ampliada em 1989 - conto homônimo (antologia temática) *Dinossauria Tropicália* (GRD, SP, 1994 - conto "Não é humano") (seu primeiro lovecraftiano) *Coletânea do Fim do Nada* (Porto Alegre, 1998) - edição artesanal do Dr. Ruby Medeiros, com muitos autores antes saídos no fanzine. Entrou com oito histórias, mais "O mendigo" em co-autoria com José dos Santos Fernandes - Banco de Talentos 1999 (Febraban, SP - trabalhos de bancários) - conto *O tesouro de Dona Mirtes* (terror cômico) Banco de Talentos 2001 (idem) - conto *O Homem de Areia*, terror lovecraftiano - Talentos do Rio em Prosa e Verso (antologia organizada pela Superintendência Estadual do RJ, do Banco do Brasil) - 2000, com as histórias *O museu das nuvens* e *Os tubos* (ambas de FC) *Como era gostosa a minha alienígena* - Ed. Ano-Luz, 2003, como "Fogo", conto de FC erótica.

Há outras antologias, mas diversas são de poesias (década de 80) e menos representativas para o autor, até porque ele abandonou a poesia.

Colaboração nos seguintes fanzines ao longo dos anos: Boletim Antares (extinto em 92); Hiperespaço; Somnium; Megalon; Notícias do Fim do Nada; Juvenatrix; Scarium; Himitsu (fanzine de mangás, de São Gonçalo).

Centenas de cartas publicadas em jornais (outra atividade que abandonou há tempos).

Autor de algumas palestras (a mais recente no Sesc Tijuca, noticiada no Info CLFC).

Atualmente tem uma coluna no Metropress, jornal comunitário distribuído nas estações do metrô do Rio. Foi o primeiro a publicar uma novela completa em capítulos em fanzine: *Neblina e a Ninja*, que o Megalon editou (atualmente sai uma no Juvenatrix, *O fator caos*).

Sobre seu trabalho (palavras do autor):

Quanto a questões de estilo e enredo, confidencio que eu acho mais gratificante desenvolver minhas histórias mais compridas e com heroínas (estudo da psicologia e da alma femininas... porque eu sou fã das mulheres)(rs) Também combinei a linha lovecraftiana com a das heroínas, em algumas histórias e, sim, de uns tempos para cá dediquei-me também ao fanfic, a partir do meu interesse pelo universo "shojo" dos mangás e animes (HQ e desenhos japoneses).

PEÃO PARA O BISPO DA RAINHA

Rogério Amaral de Vasconcellos
rogamvas@radnet.com.br

Sou o coronel Antony Bianco, da 'milícia' rebelde de retaliação 3º Milênio; um D.O.E., C.E.D., U.D.O. e, dizem, S.O.B, mas não ligo.

Sou (no sentido de que ainda não creio terem constatado meu desvinculo moral e profissional, ou seja, minha deserção) agente do CIA, radicado em Tel Aviv, Zona do Armagedom.

Das encharcadas e frias selvas da Patagônia para Bornéu, passando por sem número de campos guerrilheiros, alojamentos infectos na Nicarágua e Ceilão, era uma longa trilha de corpos e mosquitos achatados contra o paredão.

Bandeando-me parcialmente para o lado 'rebelde', o desconhecido e moralista 3º Milênio, foi a primeira vez em minha vida que remei contra a maré, e deve acrescentar, a 1ª de muitas...

- Yuhhu!!! - chamou o holo, materializado fantasmagoricamente em uma das plataformas-lente de meu comunicador universal, assustando-me.

Falando em muriçocas!!

- Toniiii, meu maroto, você está aí?! Quer disponibilizar sua fase do See You See Me?

Era minha 'noiva'. Uma das muitas, que se reunidas numa espécie de passeata internacional, fariam de qualquer rua de New Orleans um carnaval fora de época.

Mércia, meu principal 'contato' no Pentágono, a já referida por alguns mais grosseiros como canhão de Washington, D.C., é tudo que não quero ouvir neste momento de reflexão, mas, como amante dedicado, preocupado com alguma reviravolta nos meandros do poder pátrio, segui o Evangelho Segundo Eu Mesmo e respondi, adocicado como uma fruta madura (tão madura que estava estragada):

- Fala, doçura! Meu aparelho de re-visualização está defeituoso, portanto ficarei devendo a exibição desta minha carcaça, mesmo porquê estava pensando exatamente em você e fiquei daquele jeito, entende?

Ela entendia.

- Seu safado insensível! Só fala isso pra me deixar com vontade... - amouu.

Era a hora do golpe de grace:

- O tempo disponível que tenho aqui neste lugar recorro sempre para os 5 bartenders que sacodem o único dry-martini 'quente' que se têm notícia e faço-o pensando em queeeeeem?!

Ela derreteu-se duplamente, pois sua onda-portadora multi-franja, no pedestal-comunicador, fez uma inclinação suspeita e quase desfocada, identificada como seu gozo contorcionista; seria um problema pra ela se estivesse em algum box semi-público, mas como disse, o problema e a mancha na antiquada calcinha de lycra rendada era todo dela, quanto a mim, esgotara meus entróitos e, antes de um novo gozo advir sacudir novamente o holo, resolvi interferir:

- Docinho, como conseguiu meu código?

A mini-imagem olhou para os lados e novamente endireitou-se numa paralaxe uniforme, tomando tenência do local onde devia estar, ou seja, um hall aberto compartilhado por vários boxes individuais, muitos deles, acreditava, ocupados.

- Procurei Albatroz e ele mandou-me a Cisne Negro, que...

- Sei, amoreco - Tentei não parecer impaciente, mas, confesso, a missão excedeu minhas forças: - Conheço toda cadeia secreta de nossos 'pombinhos do amor', mas, como sabe, estou longe de você agora, rolinha, representando Bill Jr.. Não posso desapontar meu patrão deixando meu address por aí...

- Há, iiiiiii, óóóó!!! - matraqueou ela.

Detestava quando fazia aqueles sons desconexos. Por mais que venere as mulheres, aquela exigia de mim o mais paquidêmico dos sacos.

- Foi realmente simples: Cheguei ao Grande Avestruz, aquele calvo e simpático homem de Hillary City, e contei-lhe que precisava entrar em contato ou revelaria 'o nosso segredinho' à Mr. Gate, que, a propósito, vêm amanhã conversar assuntos não-agendados com o Senador Robert. Convenceria-o (sabendo-se padrinho, entenderia meus motivos) de não despachar tantas vezes seu homem de confiança para essas implantações de nanomachines e Win 666B 2026!!

"GA foi tão compassivo comigo que plugou pessoalmente sua home neste terminal. Acredita que fez questão de ficar lá fora, na neve, para levar-me de planador até Potomac Hill? Não é um amor?"

Quase perdi o fôlego. Fora a gota d'água! Aquela mulher, de tão tapada, estava ficando perigosamente fora de controle e Grande Avestruz, vulgo Maurice Molineux, o basco, vulgo outros tantos nomes e nacionalidades, o único com diretórios suficientes para descobrir meu paradeiro, não estaria apenas dando uma de bom moço, escoltando-a. No 3º Milênio, entre todo pessoal operacional, talvez o mais soft fosse eu, e o basco (paquistanês, esquimó ,....) situava-se na outra extremidade. Sabia exatamente do que 'aquele calvo e simpático homem' era capaz! Já provara isso na Iugoslávia e na Bósnia Setentrional, na mudança 'branca' de governo (era um adepto dedicado da Gravata Colombiana e velhos hábitos não se perdiam com o tempo; como os vinhos, tornavam-se mais apurados), dando uma pequena amostra do destino de Márcia G. Perkins, secretária e sobrinha do Senador Robert, nas mãos do Garrote Infalível...

Ouvi por alguns minutos o relato de um defunto, daquela que breve bateria as botas de neve (a hipótese descortinava-se como quase um fato). Além da parte introdutória, repleta de juras de amor e confissão de solidão, relatava algo denso e explosivo, apesar de residualmente suspeito para alguém não iniciado. Como entendedor, a revelação daquilo deixou-me de sobreaviso: O dia chegara. O atentado era iminente!

Márcia não era nada no grande propósito da vida, como na verdade ninguém o é, mas, sem ela e suas informações-show, não estaria nem ao menos perto de mostrar ao mundo as reais e sujas (desculpem meu tom clichê, mas é inevitável algum 'contágio' com minha organização atual) motivações dos novos agentes do caos.

Mas minha consciência pesou. A luta foi breve. Devia-lhe ao menos uma chance.

- Que tal brincarmos de 'Responda sem nada Perguntar'? No velho estilo, heim?!!

O holo acenou e eu 'disparei', feliz por aquele truque ainda funcionar com ela; feliz por não ter de dar maiores explicações, já que me teria como 'prêmio' no final.

- Têm algum dinheiro com você?

- Só digital-cheques, bit-dollars, chips de viagem, cupons magnéticos de parking & market...

- Algo cash, algum velho George Gordo por acaso?!

Saiu de foco e quando voltou a estabilizar-se já trazia um sorriso vitorioso no micro-rostro sardento e, com um zoom, notei um par de notas de 50 na mão miniatura. Boa menina! Fora previdente como lhe ensinara. Papel-moeda sempre é útil, principalmente quando se quer comprar um bem espiritual e não deixar pistas.

Não perdi tempo.

GA fizera aquilo que a maioria dos confiantes assassinos tendiam a cometer em algum momento, frente a um pacato alvo: decidira, com aquela conversa fiada de stratocop fretado da companhia para Potomac, a liquidar Márcia em seguida, esperando tirar algum proveito na agonia de seu alvo muito mais que qualquer desnecessária informação. Ele era o executor e eu, segundo o próprio dissera certa vez, fazia o tipo gigolô. Estaria relaxado nalgum ponto próximo à saída, já dando como certa sua morte, deixando-a entrar em contato comigo (um aliado?) de um Holocenter movimentado? Estaria o destino mancomunado contra, à favor ou manter-se-ia neutro? Se houvesse algum tempo disponível, poderia bolar uma outra saída, mas não havia...

Instruí-a passo-a-passo num new game que, nada sabia, envolvia risco real e imediato de vida, se por acaso falhasse em algum movimento. Qualquer detalhe contava; era a diferença entre respirar e ficar estertorando numa poça de sangue.

Mas, por mais que o amor tolhesse seu raciocínio lógico, amortizada sua desconfiança de Secretária Graduada do Ministério da Guerra, não era estúpida. O fato de achar-me e mobilizar Avestruz creditavam ao seu favor (infelizmente, também debitavam, pois aquela situação só acontecera exclusivamente devido aquilo).

Cem In God We Trust, uma ligação fervorosa para o Exército da Salvação para vir recolher o donativo tão estranhamente

condicionado a um uniforme-extra para uma nova convertida, sorte na presteza do atendimento dos ávidos militantes de deus, e ela conseguiria fugir travestida e executar uma outra fase daquele suposto game, caso contrário, lamentaria sua perda.

Meu último presente para ela era sua vida.

Perto de 10 horas depois obtive a certeza. Uma onda-portadora vinda de Toronto-Chelsea deu-me subsídio para minha próxima atuação.

Entrei em contato com a infeliz estação brasileira Constituição e aguardei o redial chamar pela 4ª vez consecutiva. Por um momento achei que chegara tarde demais...

- Alô, desconheci... aqu... bom falar... - repleto de interferências, veio aquele idioma que conhecera bem quando o CIA me investira na função de 'adido cultural' em Brasília, antes da implantação 'defeituosa' de um governo simpatizante e depois da invasão de suas fronteiras, em Arroio Chuí, por hordas de 'sertanejos legalista' (ambos fatos notórios de envolvimento ilícito, há 3 anos passados, penosamente cicatrizado com o 'paliativo substancial' da migração de Tecnologia Gravitacional do USA to Brazil).

Tirei os pés do painel, cuspi a droga e varri o espaço até encontrar uma frequência livre de chiados. O 'click' da busca bem-sucedida, diferente da mesalina, conseguiu deixar-me eufórico:

- Atenção, comandante da Constituição!

- Sou o tenente-do-Ar Renan Maia, o único tripulante. Com quem estou falando? - a voz estranha vinha inoportunamente misturada com música de fundo.

Estaria enganado, ou seria o regravado 'K.C. and the Sunshine Band'?

- Quem é você? - tornou a interpelár-me, impaciente e quase inamistoso, o que naquela circunstância era deveras incompreensível.

- Basta saber que sou um amigo.

Antes que o assustado e puto interlocutor tentasse argüir-me com perguntas difíceis de serem resumidas, apressei-me a perguntar:

- Qual a sua operacionalidade, tenente? Vejo algumas luzes de navegação, no mais está tudo um caos...

- Desculpe a grosseria de antes. A tensão aqui está insuportável. De resto, opero com força de baterias. Fomos abalroados; perdemos 2/3 da tripulação e o módulo central está em escombros; apesar da IA achar que está 'sangrando' - seu ciclo lógico entrou em memopausa -, minha operacionalidade está melhor que se espera, ao menos disponho de grandes reservas de oxigênio e alimento até uma Operação de Resgate...

- Fale de-va-gar, Renan... - afaguei meu seletor de idiomas/verbetes para qualquer emergência de lingüística. - Slow motion, please. O português não é minha 1ª língua, apesar de parecer dominá-lo bem.

"Sei que sua situação e um caminhão de guano são correlatas, pura titica, mas tenho boas e péssimas notícias..."

A voz no outro lado berrou algo como 'outra vez...', mas continuei, achando ter ouvido mal, algo plenamente explicável dada aquela maldita música ressoando nos bastidores de nossa conversa. Por quê não abafava a câmara de ressonância daquele treco?

- Serei tão breve quanto possível, pois dependerá de você uma ação rápida e livre de evasivas para garantir sua própria sobrevivência. Esta é a boa-notícia.

Cortei a ligação momentaneamente, fingindor realinhamento da parabólica, não dando chance dele me xingar. Estava velho demais pra pensar em mudar meu hábito de interromper as pessoas, se bem que, naquele caso, a coisa viesse a calhar.

Aproveitei para enquadrar a Constituição em minha tela de alta resolução, em amplitude máxima. Meu satélite espião, deslocado para lá, mostrou-me aquilo que acabara de ser pincelado: Como futura Estação de Atracamento e Transbordo Terra-Fobos, a base não mais existia, comprometida devido a extensão enorme dos danos estruturais, mas como sucata tinha um belo futuro pela frente.

- Escute com atenção - o silêncio creditou fé no garoto, apressando-me, pois acabara de interceptar uma mensagem da Base Americana com a Colônia Lunar, - Vocês foram sabotados, daí deduz-se que essa porrada espacial não foi fortuita, mas uma 'estilingada' de 1ª ordem. Se fosse você não confiava 100% em minhas reservas de víveres. O próprio ar engarrafado pode conter outro gás. As baterias portáteis devem estar descarregadas...

"Sinto particularmente, mas há dedo americano nisso. Muito mais dedos que você imagina. A péssima notícia é que um shuttle com navais vêm vindo por aí, lançado da Moonlight. Creio que não vá querer estar aí quando eles aportarem, não é mesmo?"

- Cacete, você sabe 'sacudir' alguém, meu!

- Às ordens! - Não pude conter um sorriso perante aquele 'meu' que, óbvio, ele não viu - Mas não desanime, ainda...

- Como não desanimar!!! Toda essa joça caindo aos pedaços, seis corpos retalhados boiando no vácuo e um pelotão de fuzilamento à caminho?? Nada disso é uma perspectiva agradável!! - e pareceu recobrar alguma postura militar, quando retornou: - Nem sei o que estou dizendo. Estamos em paz, não acredito num ato declarado de guerra assim.

- O nome é outro: Queima de Arquivo. Óbvio, não sabem de meu bedelho aqui e estou longe o bastante para, infelizmente, poder ajudá-lo como gostaria.

"Pegarão você e farão com que ande na prancha: Menos um!! Uma garrafa de rum!!, aí limparão os vestígios da sabotagem, 'coisas mínimas' que passaram 'despercebidas' do pessoal de manutenção da Barreira do Inferno. Sua IA, do jeitão que diz estar paranóica com a perda dos dados como se perdesse sangue, não ajudará em nada em qualquer inquérito."

- Em suma, e perdoe-me a expressão se você for algum purista: alguém cagou no pau!

- Exactly! - Resistira bem à confrontação com a morte certa e resolvi injetar-lhe um pouco de ânimo: - Mas não esqueça do poder de barganha...

A voz dele, arrastada, entremeada de suspiros, encontrou novo alento:

- É!!! Você se dirigirá às Nações Unidas!!! - saiu-se com isso.

- Não mesmo - tempo de choque, operação 'balde frio' - Não que não queira, veja bem. Não posso! Estou incógnito aqui. Minha missão é outra, muito mais ampla que qualquer coisa que possa imaginar.

- Voltamos (eu voltei!) à merda...

- Acorde, cara! - E declarei de vez o que tinha em mente: - Não

posso interceder mas você tem um puta de um comunicador aí. Algo que prova que a propalada eficácia americana em planejamento não é lá tão eficaz assim. Seu rádio é sua vida. Use-o.

- Você é que não entende: A base-terra acha que estou brincando! Tentei até colocar os bofes pra fora e perder toda comunicação por uma disfunção qualquer.

- Tentou porra nenhuma. Tentou na direção errada, tenente. Ainda não colocou sua massa cinzenta pra funcionar? SUA BASE-TERRA ESTÁ COMPRADA. Esperavam algum sobrevivente no 'acidente', sim!, e aguardariam pacientemente que o mesmo tivesse necessidade de comer, beber, enfim, expusesse-se a qualquer de suas armadilhas. Para só então, talvez amanhã cedo, o mais tardar à noitinha, antes do check-up orbital, confirmar o extermínio de todos à bordo com um shuttle de especialistas, movidos pelo dogma da 'caridade' ao constatarem algo de errado com seus aliados brasileiros da Estação Orbital. Blá-blá-blá.

"Note bem: Técnicos em lugar de Killers! A fachada perfeita."

- Não pode sustentar isso! Meu corpo, contaminado por qualquer agente patogênico, após autopsiado acusar...

Sua hesitação e interrompimento próprios deu-me a certeza que finalmente chegara à iluminação. Já era hora!

- Dá pra ouvir daqui sua cachola funcionando. Deve lembrar-se o que reza o caput 34º do acordo firmado entre as nações signatárias das Leis Espaciais. Algo como "...qualquer corpo, encontrado morto à deriva ou embarcado, deverá ser desintegrado antes de qualquer contato atmosférico, guardado todos rituais..."

Não precisei seguir. Entendera o recado. Poderia dar postumamente uma pista da causa mortis, mas, como átomos dissociados no vácuo, seu futuro era tão incerto quanto às míticas almas.

Dei-lhe meu último presente.

Você tem cerca de duas horas pela frente, se tanto. Seu contato por rádio com a base alertou-os prematuramente. Mas posso ajudá-lo de outra forma, disponibilizando meu spy-fly, no comprometimento de suas antenas de médio e longo alcance. Cabe a você escolher se lança um aviso for all, tipo SOS coast-to-coast (provocando uma inevitável e grave crise diplomática), ou tenta uma coisa mais sutil e bem mais proveitosa em termo de barganha para

seu povo. Terá êxito de uma forma ou de outra, em qualquer de suas opções.

- Estou curioso. O que têm em mente?

- Greenwich.

Um momento, um estalo. Ele percebera a profundidade de minha retórica, fazendo reverberar aquele tapa na testa que melhorou um bocado o ritmo e impróprio de 'K.C....', quando o mais adequado seria talvez um hit no-gospel do momento, o polêmico e satírico 'Jesus Fuck Me...'

- É claro! O velho truque do aviso à Central Mundial de Mudança de Data!! - exultou, parecendo um personagem cult, um Maxwell Smart do Terceiro Mundo ressurgido das cinzas.

O presidente americano estava lá, em Greenwich Bay, junto com partes significativas de sua comitiva e várias patentes e dirigentes de estado (incluindo o Brasil), numa solenidade mundial, com a instituição do Horário Sideral Unificado, o 25º paralelo.

Senti-me como uma Madre Calcutá de calças. Duas intervenções benignas num só dia era alguma espécie de record!

- Good Luck, Buena Suerte, Arivederci, Tchau,...! - disse, a título de adeus poliglota, na eventualidade de alguém estar monitorando.

Com o transdutor aquilo era supérfluo, mas não resisti a ironia 'erudita' da situação.

A cúpula da Milícia faria um sepuku em massa se soubesse que acabara de perder uma chance assim de lançar o mundo escadaria abaixo na direção do térreo de suas vaidades. O 3º Milênio, numa Economia de Guerra, pensava vicejar qual mosca varejeira na merda: voejariam de fossa em fossa, espalhando seus ovos, eclodindo suas 'verdades' nas faces criminosas da humanidade. Os recalçados eram tão pueris. Mortalmente capazes das maiores atrocidades, mas ainda assim infantis; exemplo disso era sua total confiança em minha incondicional rendição aos seus dogmas.

Hipócritas, todos nós somos.

Tinha meus próprios métodos e objetivos. Apátrida finalmente!

Acabara de mover um pequeno peão para uma posição

estratégica junto ao gigante americano, pertubando-o, mas não ferindo-o de forma alguma (só seu orgulho saia lascado, o que pra mim bastava). Minha jogada não era tão previsível quanto um ataque frontal ao Rei, mas um exercício de paciência no xadrez do universo.

Paciência e Oportunismo.

Qual o homem que não sonharia alisar o próprio dorso de Afrodite se tal oportunidade se lhe apresentasse, almejando aquela fenda úmida e cálida por dentro?

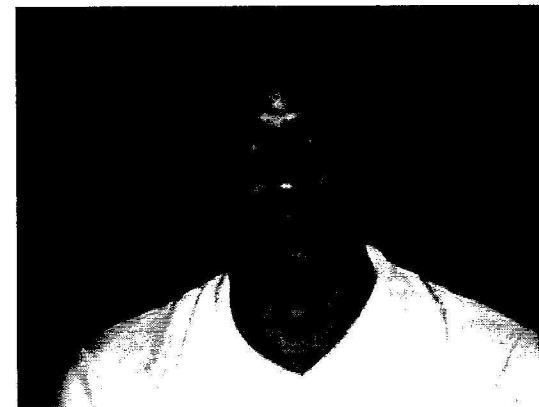
Que as Fúrias e as Parcas venham. Tenho algo esperando por elas.

Xequê!



SOBRE O AUTOR...

**Rogério Amaral
de Vasconcellos**



Rogério Amaral de Vasconcellos tem se destacado no meio do fandom de FC&F por coordenar uma série de oficinas de literatura criativa através da internet, conhecidas como SLEV, - Suruba Literária Experimental Virtual. Idade da decadência - Inferno em Khallah, editada pela Mitsukai em 2001, foi um dos frutos desse projeto. Também é autor de Campus de Guerra (Writers, 2000) e já teve contos publicados em diversos fanzines e sites. É também co-editor da revista Scarium MegaZine.

O LEITE E O CHUMBO PARA HOMENS ATÔMICOS

Carlos Abreu

carlosfrederico@petrobras.com.br

Estas coisas não marcam hora para acontecer.

De hoje para amanhã, daqui a dezoito anos ou mais, agora nada, daqui a pouco as gavetas pulam dos buracos e o lustre começa a balançar, o chão se abre e as pedras são cuspidas.

Quem sabe?

Os donos da casa estão abraçados ao portão.

Um casal de velhos, filhos de imigrantes, abraçados, solidários e algo mais.

Aguardam a poeira baixar para se aproximar.

O calor me recebe de cheio, assando-me debaixo de minhas roupas de cidade.

É um verão sem começo nem fim. .

Dentro do ônibus, olhos parcimoniosos passeiam pelo jardim seco, pelas venezianas do que já foi um pequeno hotel de beira de estrada.

O prédio permanece, mas a estrada desapareceu, apenas os rastros dos onco-ônibus que passam freqüentemente rasgando o deserto.

Nem o chofer parece ter muita pressa.

Moscas verdes estão pousadas em sua mão ao volante, inchada e rosa como uma fruta.

Existe o delegado da comarca, alto, atrás dos velhos, socando o chão com a sola da bota, saído de um quadro embolorado, com sua camisa de flanela xadrez e seu cinturão. Suas rugas são desfiladeiros abertos pelo vento tórrido.

Pegam minhas malas. Agradeço.

Minhas primeiras palavras são um uivo fraco de milhares de quilômetros percorridos, vindo de um nada irreconhecível ao nada de uma danação.

Convidam-me para entrar, tomar um refresco longe da fornalha.

É como chamam o deserto.

A "Fornalha".

Dentro da casa faz o frio do interior de criptas violadas.

Assusto-me, pois a luz quase não invade pelas poucas janelas oprimidas.

Sofás duplos, mesas anãs geminadas, alguns quadros sem moldura, jibóias estão enroladas no cabide de chapéu.

A idéia do contato com sua pele lisa e brilhante parece fazer mais frio o lugar.

Esqueço-me de onde vim parar de repente.

Marte.

O lugar mais quente que já estive.

Esquecida a sensação de que entrara no meio da sessão já iniciada, sentei-me próximo à lareira.

Uma raposa empalhada sorria-me com olhos de brasa.

Os outros se sentam próximos.

Temem o que eu possa estar pensando, como se pudesse mandá-los à fogueira, de um minuto para outro.

Mesmo depois da invenção do éter-telégrafo.

Disseram que o padre estava a caminho.

Um trabalho excessivo para esta época do ano.

Estas coisas não marcam hora para acontecer.

De hoje para amanhã daqui a exatos 6 minutos, agora nada, daqui a pouco os peixes começam a saltar sozinhos do aquário para o chão e sangue começa a transbordar do sanitário.

Um gato adormecido profundamente nas almofadas.

Tenho dúvidas se é mesmo um gato.

- Do que vai precisar?

A velha pouisa uma mão ressequida em meu joelho.

Leio seus pensamentos como quem espreme obtendo o sumo.

Ela quer realmente ajudar, quer tirar aquele monte de pedras fumegantes do meio da cozinha, quer de volta seu filho, quer que as vozes desapareçam para sempre.

- Uma panela d'água, crucifixos e uma corda forte tecida a mão.



SOBRE O AUTOR...

CARLOS ABREU

Escreveu "O Caso do Contrabandista de Areia" para o site da Oficina de Escritores (<http://geocities.yahoo.com.br/oficinaescritores/contos/0186.html>), "História de Matuto" para o site Scriptoronauta (http://scriptonauta.interestelar.hostmidia.com.br/c_abreu/matuto_resenha.html) e "Not Necessarily a Beautiful But a Mutation" para o fanzine Juvenatrix (73).

Arte: Jaguar



QUADRINHOS



JAGUAR & EMERSON



"E COMO FOI..."

"QUANDO O ÚLTIMO CHEGOU PRESO POR VADIAGEM, FOI QUANDO TUDO SE INICIOU. WALLACE DISSE QUE O SR. PAGA BEM PELA HISTÓRIA."

"MIL DÓLARES. PROSSIGA."

ELE PARECIA NÃO FALAR NOSSA LÍNGUA, ENTÃO EU IRIA LIGAR PARA A IMIGRAÇÃO PELA MANHÃ...



"ENTÃO OCORREU-ME ALGO MUITO ESTRANHO. EU TIVE A CERTEZA DE QUE UM DOS PRESOS, UM TAL DE CIRO CANINO..."



"...NAQUELA NOITE HAVIAM CINCO PRESOS, MAS ELE FICOU EM UMA CELA SOZINHO!"



"...O ESTAVA ESPERANDO!"



STRANGERS
Jaguar S. S.
Texto e desenhos
M. Emerson
Arte-final e letreiros

O CÍRCULO DOS VENTOS



A PARTIR DAI COISAS ESTRANHAS COMEÇARAM A ACONTECER. PRIMEIRO, FICOU FRIO. UM FRIO ANORMAL, ENTENDE?

SIM.

"E ERA UM FRIO QUE TINHA CHEIRO."

EL TIRA... ALEM DESSE FRIO DA PORRA SOU OBRIGADO A ATURAR ESSE MALITO FEDOR?

MAS QUE DIABOS DE MAL CHEIRO É ESSE?

ESSA MERDA!

CALA ESSA BOCA!

CALA BOCA!

NÃO ENCHE!

EI, CIRO! FICAR AI PARADO NÃO VAI RESOLVER NADA!

EI, O QUE HÁ? NÃO ME OLVIU?

ESQUECE ESSE MERDA AI!

CARA, VOCE TÁ GELAD... HOU! PUTA MERDA!!!

EEEEEE!!! GUARDA O CIRO TÁ MORRENDO!!!

"EU PENSEI QUE FOSSE INVENÇÃO."



EU QUERIA QUE FOSSE INVENÇÃO!

"OH, MEU BOM DEUS! EU VI UM PEDAÇO DO INFERNO..."

"... E UMA DAS FACES DO DEMÔNIO!"

MAS QUANDO EU FUI CONFERIR...

O QUE HOUVE COM OS PRESOS?

NÃO DAVA PARA VER DIREITO...

"ESTAVA TUDO COBERTO POR SOMBRAS QUE SE ESPALHAVAM. ELAS SE MOVIAM... E FAZIAM RUÍDOS."

"RUÍDOS?"



"É. DE BICHO QUE SIBILA E RASTEJA."

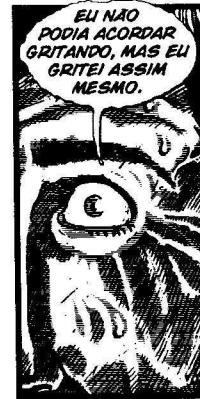
"CONTINUE."

"ESTAVA COM MUITO MEDO, NEM CONSEGUIA PENSAR. FIQUEI SEM AÇÃO ALGUMA."

"AI VI O CIRO PARADO, PERTO DAS GRADES, OLHANDO-ME COM UM SORRISO RASGADO. SENTI UM PAVOR TERRÍVEL, PÂNICO, COMO DAQUELES QUE SE SENTE QUANDO SOMOS CRIANÇAS E ACORDAMOS DE UM PESADELO GRITANDO... CHORANDO..."



"MAS NÃO ERA PESADELO."



EU NÃO PODIA ACORDAR GRITANDO, MAS EU GRITEI ASSIM MESMO.



"SÓ ME VEIO A VONTADE DESESPERADA DE FUGIR DALI, DE CORRER COMO UM LOUÇO..."



"QUANDO..."

EU O SOLTEI!

ELE FEZ ALGO COM AS MÃOS...

"...SEM TER COMO LHE EXPLICAR..."

"...EU SOUBE O QUE TINHA DE FAZER."

"...E AS SOMBRAS DISSIPARAM-SE COMO PÓ DE CARIÃO ESPALHADO PELO VENTO."



"QUANDO ISSO ACONTECEU, CIRO DEU UM GRITO DE DOR E AVANÇOU EM DIREÇÃO A ELE."

"O SUJEITO NÃO SAIU DO LUGAR. FEZ UNS GESTOS COM AS MÃOS E QUANDO ABOIU A BOCA..."



"...SAIU MÚSICA!"

EM SEGUIDA VEIO UM CLARÃO QUE NÃO MACHUCAVA OS OLHOS. CIRO SE CHOCOU NA GRADE E CAIU FEITO UM BONECO.



"O LUGAR CONTINUOU A IRRADIAR LUZ."

"OS RESTOS DE SOMBRAS E O CORPO DE CIRO EXPLODIRAM E TRANSFORMARAM-SE EM BORBOLETAS TRANSPARENTES FEITO VIDRO."

"VOARAM ATE O TETO, EXPLODIRAM NOVAMENTE E CAIRAM EM MONTES DE PETALAS ALVAS QUE DESAPARECIAM ANTES MESMO DE TOCAREM O CHÃO."

"E O QUE HOUE COM ELE?"

"FOI EMBORA. UMA MULHER APARECEU DIZENDO QUE IRIA LEVA-LO. EU CONCORDEI."

COM A AJUDA DE MEU PARCEIRO EU ADULTEI OS REGISTROS. NAQUELA NOITE SOMENTE TRÊS HAVIAM SIDO PRESOS, EM VEZ DE CINCO.

JÁ DAS MORTES HOUE UMA INVESTIGAÇÃO...

NÃO DEU EM NADA E FOI ARQUIVADA. FUI SUSPENSO... DEPOIS DEMITIDO.

ME DIGA... A MULHER QUE VIU, ERA ESSA?

SIM.

"ISSO NÃO VAI ME TRAZER COMPLICAÇÕES, VAÍ?"

ERA ESSA, POREM OS CABELOS ESTAVAM MAIS CURTOS.

"AQUI ESTA O SEU DINHEIRO."

"OBRIGADO, SR. PHOENIX."

"NÃO, NÃO SE PREOCUPE."

"ESTOU CADA VEZ MAIS PROXIMO..."

"...MAYA."

FIM
FOR ENQUANTO...



EU QUERIA QUE FOSSE INVENÇÃO!

"OH, MEU BOM DEUS! EU VI UM PEDAÇO DO INFERNO..."

"... E LIMA DAS FACES DO DEMÔNIO!"

MAS QUANDO EU FUI CONFERIR...



O QUE HOLVE COM OS PRESOS?



NÃO DAVA PARA VER DIREITO...



"ESTAVA TUDO COBERTO POR SOMBRAS QUE SE ESPALHAVAM. ELAS SE MOVIAM... E FAZIAM RUÍDOS."

"RUÍDOS?"



"É. DE BICHO QUE SIBILA E RASTEJA."

"CONTINUE."



"ESTAVA COM MUITO MEDO, NEM CONSEGUIA PENSAR. FIQUEI SEM AÇÃO ALGUMA."

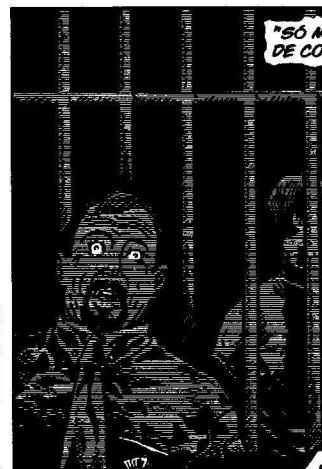
"AÍ VI O CIRO PARADO, PERTO DAS GRADES, OLHANDO-ME COM UM SORRISO RASGADO. SENTI UM PAVOR TERRÍVEL, PÂNICO, COMO DAQUELES QUE SE SENTE QUANDO SOMOS CRIANÇAS E ACORDAMOS DE UM PESADELO GRITANDO... CHORANDO..."



"MAS NÃO ERA PESADELO."



EU NÃO PODIA ACORDAR GRITANDO, MAS EU GRITEI ASSIM MESMO.



"SÓ ME VEIO A VONTADE DESESPERADA DE FUGIR DALI, DE CORRER COMO UM LOUCO..."



"QUANDO..."

"...SEM TER COMO LHE EXPLICAR..."

"...EU SOLBE O QUE TINHA DE FAZER."

ELE FEZ ALGO COM AS MÃOS...

"...E AS SOMBRAS DISSIPARAM-SE COMO PÓ DE CARVÃO ESPALHADO PELO VENTO."



EU O SOLTEI!

"QUANDO ISSO ACONTECEU, CIRO DEU UM GRITO DE DOR E AVANÇOU EM DIREÇÃO A ELE."

"O SUJEITO NÃO SAIU DO LUGAR. FEZ UNS GESTOS COM AS MÃOS E QUANDO ABRIU A BOCA..."



"...SAIU MÚSICA!"

EM SEGUIDA VEIO UM CLARÃO QUE NÃO MACHUCAVA OS OLHOS. CIRO SE CHOCOU NA GRADE E CAIU FEITO UM BONECO.



"O LUGAR CONTINUOU A IRRADIAR LUZ."

"OS RESTOS DE SOMBRAS E O CORPO DE CIRÓ EXPLODIRAM E TRANSFORMARAM-SE EM BORBOLETAS TRANSPARENTES FEITO VIDRO."

"VOARAM ATE O TETO, EXPLODIRAM NOVAMENTE E CAIRAM EM MONTES DE PETALAS ALVAS QUE DESAPARECIAM ANTES MESMO DE TOCAREM O CHÃO."

"E O QUE HOLVE COM ELE?"

"FOI EMBORA. UMA MULHER APARECEU DIZENDO QUE IRIA LEVA-LO. EU CONCORDEI."

COM A AJUDA DE MEU PARCEIRO EU ADULTEI OS REGISTROS. NAQUELA NOITE SOMENTE TRÊS HAVIAM SIDO PRESOS, EM VEZ DE CINCO.

JÁ DAS MORTES HOLVE UMA INVESTIGAÇÃO...

NÃO DEU EM NADA E FOI ARQUIVADA. FUI SUSPENSO... DEPOIS DEMITIDO.

ME DIGA... A MULHER QUE VIU, ERA ESSA?

SIM.

ERA ESSA, POREM OS CABELOS ESTAVAM MAIS CURTOS.

"AQUI ESTÁ O SEU DINHEIRO."

"ISSO NÃO VAI ME TRAZER COMPLICAÇÕES, VAI?"

"OBRIGADO, SR. PHOENIX."

"NÃO. NÃO SE PREOCUPE."

"ESTOU CADA VEZ MAIS PROXIMO..."

"...MAYA."

FIM
POR ENGANHO...

"O LUGAR CONTINUOU A IRRADIAR LUZ."

"OS RESTOS DE SOMBRAS E O CORPO DE CIRO EXPLODIRAM E TRANSFORMARAM-SE EM BORBOLETAS TRANSPARENTES FEITO VIDRO."

"VOARAM ATE O TETO, EXPLODIRAM NOVAMENTE E CAIRAM EM MONTES DE PETALAS ALVAS QUE DESAPARECIAM ANTES MESMO DE TOCAREM O CHAO."

"E O QUE HOLVE COM ELE?"

"FOI EMBORA. UMA MULHER APARECEU DIZENDO QUE IRIA LEVA-LO. EU CONCORDEI."

COM A AJUDA DE MEU PARCEIRO EU ADULTEI OS REGISTROS. NAQUELA NOITE SOMENTE TRÊS HAVIAM SIDO PRESOS, EM VEZ DE CINCO.

JÁ DAS MORTES HOLVE UMA INVESTIGAÇÃO...

NÃO DELI EM NADA E FOI ARQUIVADA. FUI SUSPENSO... DEPOIS DEMITIDO.

ME DIGA... A MULHER QUE VIU, ERA ESSA?

SIM.

ERA ESSA, POREM OS CABELOS ESTAVAM MAIS CURTOS.

"AQUI ESTA O SEU DINHEIRO."

"ISSO NÃO VAI ME TRAZER COMPLICAÇÕES, VAI?"

"OBRIGADO, SR. PHOENIX."

"NÃO. NÃO SE PREOCUPE."

"ESTOU CADA VEZ MAIS PROXIMO..."

"...MAYA."

FIM
POR ENQUANTO...